

# MULHERES NEGRAS MAZAGANENSES: UM LEGADO CULTURAL DE FÉ E DEVOÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO

## MAZAGANIAN BLACK WOMEN: A CULTURAL LEGACY OF FAITH AND DEVOTION TO THE DIVINE HOLY SPIRIT

Delcirene Videira da Silva 1

Piedade Lino Videira 2

Elivaldo Serrão Custódio 3

**Resumo:** Daremos ênfase à relevância das “servas e empregadas” do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Amapá), bem como à memória, à oralidade e à transmissão cultural do legado afrodiaspórico mazaganense, por se tratar de uma celebração religiosa em que acontece a coroação da Imperatriz há mais de cem anos. Não obstante o protagonismo da festa é conferido a um corpus feminino, racial e plural composto por mulheres negras heterogêneas e intergeracional. Face à natureza da pesquisa, optamos pelo estudo teórico-bibliográfico e pela investigação participante que nos possibilitou conviver in loco com e na comunidade devotada ao Divino. Para a coleta de dados empíricos, a entrevista semiestruturada com membros da Irmandade e a observação. À guisa de resultados, encontramos indícios de práticas ritualísticas nascidas da imbricação entre as crenças cristãs-católicas e afro-amapaenses. As devotas da Irmandade visam salvaguardar e proteger a festa do Divino Espírito Santo do apagamento e esquecimento histórico.

**Palavras-chave:** Catolicismo de Preto. Festa do Divino Espírito Santo. A Fé de Mulheres Negras. Legado Afrodiaspórico. Educação Cultural Comunitária.

**Abstract:** We will emphasize the relevance of the “servants and maids” of the Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Amapá), as well as the memory, orality and cultural transmission of the Afro-diasporic legacy of Mazagan, as it is a religious celebration in which the coronation of the Empress over a hundred years ago. Despite the protagonism of the party is given to a female, racial and plural corpus composed of heterogeneous and intergenerational black women. In view of the nature of the research, we opted for the theoretical-bibliographic study and for the participative investigation that allowed us to live in loco with and in the community devoted to the Divine. For the collection of empirical data, the semi-structured interview with members of the Brotherhood and observation. As a result, we found evidence of ritualistic practices born from the overlap between Christian-Catholic and Afro-Amapaense beliefs. The devotees of the Brotherhood aim to safeguard and protect the feast of the Holy Spirit from erasure and historical oblivion.

**Keywords:** Catholicism in Black. Feast of the Divine Holy Spirit. The Faith of Black Women. Aphrodiaporic Legacy. Community Cultural Education.

- 1 Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá-Brasil. Professora na Escola Centro de Atendimento Infantil Vó Olga em Mazagão Velho-AP-Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1858627166928519>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5589-0432>. E-mail: [delcivideira74@gmail.com](mailto:delcivideira74@gmail.com)
- 2 Doutora e mestre em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Faculdade de Educação – FACED da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como docente na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) no Mestrado em Educação (PPGED) e no Mestrado Profissional em Inclusão (PROFEI). Líder do Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico-Raciais com Ênfase em Educação Quilombola – certificado pelo CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4269580489108934>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5325-9073>. E-mail: [piedadevideira08@gmail.com](mailto:piedadevideira08@gmail.com)
- 3 Pós-doutor em Educação Quilombola pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá-Brasil. Doutor em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo-RS-Brasil. Atualmente é Professor Coordenador no Doutorado em Educação na Amazônia (PGEDA), Associação Plena em Rede-Educanorte – Polo Belém-PA-Brasil. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8819683729192070>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2947-5347>. E-mail: [elivaldo.pa@hotmail.com](mailto:elivaldo.pa@hotmail.com)

## Introdução

Neste artigo, daremos relevo às narrativas de mulheres negras que integram a corte religiosa e festiva do Divino Espírito Santo celebrada no Distrito de Mazagão Velho, na cidade de Macapá-AP as quais se autodenominam “servas”, “empregadas” e até mesmo “pombinhas” do Divino. Em Mazagão do século dezoito, segundo os autores Albuquerque (2006), Belém (1995) e Ramos (1995) a população era formada por cristãos portugueses que foram transmigrados do forte da Mauritànea, África, para as terras do Grão-Pará e, por negros escravizados, assim deram origem à atual vila histórica de Mazagão Velho.

Desde tempos de outrora até o presente momento, nota-se o predomínio da devoção comunitária ao diversificado oratório de santos/as católicos/as, que guiam a dinâmica social na comunidade através da celebração de inúmeras festas santorais ao longo de todo o ano. Os santos e santas celebrados são os seguintes: São Gonçalo (de 06 a 10 de janeiro), Semana Santa (abril), Santa Maria (maio), Santos juninos (junho), Festa de Nossa Senhora da Piedade (de 3 a 12 de julho), Festa de São Tiago (de 16 a 28 de julho), Festa do Divino Espírito Santo (de 16 a 25 de agosto), Festa de Nossa Senhora da Luz (de 01 a 08 de setembro), Festa de Nossa Senhora do Rosário - Círio (outubro), Celebração de encomendação das almas e Finados (novembro), Festa de Nossa Senhora da Conceição (dezembro).

Na dinâmica das providências e organização do calendário festivo/cultural/religioso local, sobressaem elementos de religiosidade cristã-católica-afro-amapaenses imbricadas e singularizadas na vivência comunitária que se expande em torno das festas imorredouras ao longo de séculos, as quais promovem uma espécie de imbricação entre o culto e a espiritualidade recriado pela modalidade de catolicismo, cujo o autor Cunha Jr. (2001) nomeou de ‘catolicismo de preto’ através do qual enunciam-se um conjunto de marcadores de africanidades como é o caso de Mazagão Velho dos quais enumeramos: as danças de Marabaixo<sup>1</sup> e Batuques, cantigas, a gengibirra (bebida tradicional), comida, rezas (folias e ladainhas cantadas), alvoradas, instrumentos de percussão, espaços de sacralidade santoral público (a igreja) e de cunho familiar (oratórios) - este último fica localizado no interior das residências, e o conjunto desses artefatos culturais agem como elo-unificador do sentido religioso que mobiliza a comunidade de Mazagão Velho ao longo de cinco séculos de história.

No prefácio elaborado pelos pesquisadores Erisvaldo Pereira dos Santos e Sueli do Carmo Oliveira relativo ao livro do pesquisador Silva (2010) nos fora franqueada a possibilidade de considerar o ‘catolicismo de preto’ recriado em nosso país como uma evidência cultural/religiosa, material e simbólica que enseja haver desde a África, mesmo que o tema ainda seja pouco estudado em nosso país, “vínculos [que] foram construídos e reelaborados no processo de africanização do Cristianismo ainda em solos africanos” (SILVA, 2010, p.10).

Essa hipótese é relevante e, certamente, contribui para iluminar nossas reflexões analíticas ao longo de anos (de 2003 a 2021) de imersão *in loco* na experimentação (por dentro) que nós nos lançamos a vivenciar/compreender/desvelar a complexidade simbólica presente na cultura e no patrimônio cultural afro-amapaense no qual encontramos indícios de práticas ritualísticas nascidas da imbricação entre as crenças cristãs-católicas e afro-amapaenses como é o caso da comunidade do Distrito de Mazagão Velho (VIDEIRA, 2009, 2013, 2014, 2021).

A inferência dos respectivos autores ora citados, contribui sobremaneira para mobilizar reflexões analíticas acerca da especificidade do legado cultural/religioso, devocional e católico que viceja na comunidade mazaganense e expõe, sem segredos e restrições de nenhuma ordem, todo o rito e a ritualística que formam e se expressam através do enredo das festas e por intermédio de sua celebração. Aliás, como acontece em outras festas negras que cristalizam traços de africanidades espalhados pelas territorialidades brasileiras, como por exemplo, nos rituais do congado realizados no estado de Minas Gerais, nos quais a fé nos santos e nas divindades africanas e afro-brasileiras formam uma espécie de panteão de entidades espirituais que une gerações. Contudo, nas celebrações do Congado a comunidade festeira guarda e protege alguns atos que integram a

<sup>1</sup> O Marabaixo do Amapá passou a integrar o rol de monumentos históricos registrados pelo governo brasileiro através do IPHAN, em 2018, como Patrimônio Cultural Nacional.

dramaticidade da festa, como segredo, de pessoas de fora da comunidade.

Nas festas de negros brasileiros apoiados nos estudos de Alves (2010, p.10): é possível captar que:

[...] as dinâmicas e os sentidos que permeiam uma manifestação religiosa multifacetada, dinâmica e plural. Demonstrou quão repleta de significados é essa tradição para aqueles que a praticam e que, portanto, não se trata de simples reminiscência do passado, de resíduos de um tempo remoto, mas de uma manifestação viva, constantemente recriada. Constitui-se, assim, como prática religiosa de muitas pessoas que dedicam parte dos anos de suas vidas a cumprir um compromisso religioso firmado com seus antepassados [...] buscando entender o mundo em que vivem e harmonizar-se com o sagrado.

Nessa direção, através da festa do Divino Espírito Santo, buscamos compreender e registrar as dinâmicas e os sentidos de cultura, de fé e devoção que mobiliza a comunidade de Mazagão Velho e seus parentes, conterrâneos e amigos que residem fora da comunidade, mas que se deslocam de 16 a 24 do mês de agosto para participar da festividade promovida pela Irmandade do Divino.

Consideramos oportuno mencionar que os múltiplos significados da cultura negra, em especial da cultura mazaganense, nos impõem como pesquisadores o sinal evidente de nossa limitação em compreendermos de maneira aprofundada, dado o tempo exíguo de nossa permanência no campo de investigação de três ciclos festivos (2019, 2020<sup>2</sup> e 2021), como foram e continuam sendo construídas as teias culturais comunitárias a ponto de nos qualificar a desvelar vinculações de sua complexidade simbólica dos rituais religiosos.

Desta feita nos limitamos a investigar os significados de cultura, fé e devoção ao Divino de forma contextual, numa participação ativa, de escuta atenta e sensível, possibilitada pelo convívio interpessoal e intergeracional que tivemos com e na comunidade, no intuito de identificar as singularidades e as sutilezas da fé corporificadas pelas famílias festeiras a fim de evitar precipitações à guisa de conclusões temporárias surgidas de análises meramente descritivas e homogeneizantes.

Destarte, elegemos um coro de vozes de velhas e velhos devotos – que formam uma espécie de ‘guarda religiosa - conselho de aconselhamento e deliberativo formado por anciãos’ - que pluritransversaliza e é constituído de narrativas e protagonismos que se sobressaem na condução das festividades em Mazagão Velho. Além disso, espriarem-se pela cena comunitária, através do processo de transmissão oral, o legado afrodiáspórico avivado permanentemente pela memória individual/coletiva de membros da comunidade que o são elos, transmissão e retransmissão cultural entre os ancestrais e as gerações atuais. O objetivo principal é proteger o patrimônio cultural – celebrativo- festivo em relevo do risco do apagamento e do desaparecimento histórico, como ressaltaram as congreiras Joaquina Jacarandá (68 anos) “eu recebi a missão da minha mãe de dar continuidade à festa do Divino” e Maria Joaquina dos Santos (68 anos) “eu fiquei com a responsabilidade da minha mãe, exercendo as funções toda da festa do Espírito Santo”.

De certo, Mazagão possui um diversificado patrimônio cultural que requer detida, qualificada e responsável investigação como é o caso da Festa do Divino Espírito Santo, por tratar-se da única festa centenária em honra ao Divino, realizada no estado do Amapá. Nessa festa ocorre a coroação da Imperatriz, cujo protagonismo é exercido e conferido em especial à um corpus feminino, composto por mulheres negras plurais, heterogêneas e intergeracionais, que se dedicam a zelar e promover a competência milagrosa do santo ao longo de séculos na comunidade.

2 Devido à Pandemia de Covid-19 que assola a humanidade desde 2020, a ritualística da festa do Divino Espírito Santo foi realizada em um novo formato (simplificado). Em 2020 a celebração foi restrita à comunidade que reside em Mazagão Velho e a seus familiares. No ano de 2021 mesmo com o avanço da vacinação, a festa também sofreu adaptações, como o cortejo afrorreligioso que após a missa foi realizado de automóveis para evitar desnecessária aglomeração. Alguns atos que compõem a cena cultural da festa não foram realizados a bem da saúde dos celebrantes da Irmandade e comunidade em geral.

Para referenciar o estudo, ora exposto, elegemos um *corpus* científico/epistêmico igualmente plural e heterogêneo, formado por intelectuais negros e não negros que consubstanciam o nosso entendimento acerca da Festa do Divino Espírito Santo a exemplo de Motinha (2003), bem como acerca das categorias analíticas memória individual/coletiva na perspectiva teórica de Halbwachs (1968), da sociabilidade e da cultura negra à luz de Munanga (2004), Cunha Jr. (2001), Videira (2009; 2013; 2014; 2021), Chagas, Custódio e Foster (2015); a exemplo da prática cultural e identitária protagonizada por negros católicos que promovem o expressivo ‘catolicismo de preto’ no conjunto das regiões brasileiras e, no estado do Amapá, conforme aludem Silva (2010) e Cunha Jr. (2001).

Atinentes à natureza da investigação, optamos pelo estudo teórico-bibliográfico reflexivo (MELUCCI, 2005), bem como pela pesquisa participante por nos possibilitar conviver *in loco* com e na comunidade durante três ciclos celebrativos ao Divino (MINAYO, 2008). Para a coleta de dados, buscamos através da entrevista semiestruturada e da observação junto aos membros da Irmandade, escavar dados empíricos essenciais para inventariar, analisar e apreender as particularidades da festa e desvelar a complexidade simbólica do seu ritual visando compreender seus significados de forma contextual.

Destaca-se que a pesquisa seguiu todos os procedimentos éticos envolvendo seres humanos, conforme postula a Resolução n. 510/2016 - Pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além disso, o presente artigo é resultado do projeto de pesquisa intitulado: *Cosmovisão africana e corporeidades negra na Amazônia: cultura, formação política e educação para as relações étnico-raciais*, aprovado e registrado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amapá sob o número 3.621.933.

A síntese contendo dados empíricos revelados pela pesquisa serão apresentados em duas seções. Na primeira apresenta-se uma breve abordagem histórica sobre o processo de fundação da Nova Vila de Mazagão; na segunda, a ênfase será dada ao papel feminino desempenhado pelas servas e empregadas do Divino, e por seus mordomos na gestão afroreligiosa da festa. Por fim, as considerações finais.

## **A vila histórica de Mazagão Velho no Amapá**

Mazagão, que isso aqui é uma vila histórica, porque é daqui que sai todas as histórias do Amapá. (JOSÉ PEREIRA DO LIVRAMENTO, entrevista realizada em 31/07/2020, às 9h30).

A vila histórica de Mazagão Velho foi fundada, no dia 04 de abril de 1770, sob a proteção de Nossa Senhora de Assunção, às margens do rio Mutuacá, localizada no extremo norte do país, na Amazônia Amapaense, que à época integrava às terras do Grão- Pará. Mazagão nasceu sob a insígnia de uma cidade planejada que foi preparada para receber um contingente populacional de cristãos portugueses expulsos do forte da Mauritània, África, hoje Marrocos, no século XVIII,

[...] composto por 1.022 mazaganenses, que primeiramente foram levados para Lisboa e, de Lisboa, em 1769, a leva de 217 famílias de lusitanos imigraram para a Amazônia, numa saga intercontinental, aportaram no Grão Pará, em 1770. Dessas famílias, apenas 191 foram deslocadas para a sede da Nova Mazagão, hoje Distrito de Mazagão Velho” (BELÉM, 1995, p. 13-14).

Os portugueses transmigrados e destinados a ocupar as terras da Vila da Nova Mazagão, no distante rincão da Amazônia, eram despossuídos de riquezas materiais, porém foram fundamentais para consolidar o domínio expansionista da coroa portuguesa nas terras do Novo Mundo. Segundo Albuquerque (2006, p.146), Mazagão,

Desde sua mais tenra idade, relaciona-se a expansão do sistema colonial europeu. Relação não apenas ao que viria a ser chamado de Novo Mundo, mas a outros dias, a outras

crenças, que não somente ao cristianismo predominante na Europa. A expansão do Sistema Colonial europeu, particularmente o português, atingiu praticamente todos os continentes. Contactou com diferentes crenças e culturas. Construiu fortificações, igrejas, cidades e pontos comerciais, nos mais distintos e distantes rincões. *El Jadida*, no Marrocos, foi mais um, dentre tantos, que marcou a presença portuguesa neste processo expansionista lusitano. Alguns tiveram sucesso, outros nem tanto, alguns foram perdidos em acordos e batalhas. Apesar da forte estrutura portuguesa fixada no Marrocos, a geopolítica à época, determinou o transplante da população lusa que se encontrava no Marrocos para a selva Amazônica.

A transmigração de famílias de lusitanos e seu ajuntamento com escravizados africanos que receberam como pagamento (alguns oriundos de acordos e batalhas) ao chegar no Grão-Pará, deu origem à conformação histórica e sociocultural dos mazaganenses<sup>3</sup>. Durante gerações, essa comunidade tem feito o esforço perene de manter acesa suas memórias individual/coletiva e reencontrar nelas as lembranças de seus antepassados, no afã de reafirmar perante às gerações futuras seu compromisso de zelar pelos valores civilizacionais múltiplos de conhecimentos que lhes foram retransmitidos através da oralidade (HALBWHACHS, 1968; CUNHA JR., 2001; MUNANGA, 2004).

A comunidade de Mazagão Velho vislumbrando salvaguardar o legado histórico e cultural/religioso de seus ancestrais que serve para unir-lhes intramundos, terreno e ancestral ao longo de séculos. Dessa forma, tem como evidência desse feito as centenárias festas santorais que conferem à referida comunidade o status de promotora do mais diversificado calendário cultural do estado do Amapá (MOURA, 2012). Nesse diapasão, o autor Vicente Salles (2005, p. 82) reitera que as

[...] *famílias mazaganistas e seus escravos* foram responsáveis pela introdução de numerosos elementos culturais na Amazônia. Em 1773, por exemplo, realizaram magníficas comemorações na Nova Mazagão durante as quais houve representação de cavalhada de Mouros e Cristãos<sup>4</sup> [...]. Até hoje os negros daquela região promovem torneios de cavalcadas, mantendo ainda a tradição do Marabaxo (*sic*).

Para além da cavalhada que integra as cenas dramáticas da Festa de São Tiago (de 16 a 28/07), notadamente, a mais divulgada pelo governo do estado e também pela prefeitura do Município de Mazagão Velho, como demonstração de possível desprestígio a um conjunto de dezenas de festas tradicionais, um outro ponto a destacar é que a Irmandade do Divino recusa a participação do poder público [na ritualística de realização da festa] para evitar que políticos partidários transformem a festa em um palanque político como é notório que veem ocorrendo com a Festa de São Tiago ao longo dos anos.

Por isso, a Irmandade do Divino, gerida pela matriarca Joaquina da Silva Jacarandá<sup>5</sup> de 68 anos, prima para que a organização, a realização e o custeio financeiro da referida festa continuem sendo uma atribuição direta das doze famílias das personagens, da Irmandade e de maneira colaborativa e indireta da própria comunidade e de colaboradores eventuais (por motivo de pagamento de promessa). A matriarca afirma ser esse um procedimento vindo de tempos de outrora, quando a gestão da festa estava sob a orientação de sua genitora Olga Jacarandá (falecida) que à época já vetava “a participação do poder público na festa”. Decisão que permanece até hoje. Portanto, as despesas financeiras inerentes à festa são subdivididas (rateadas) em treze partes iguais de acordo

3 Existem diferenças no uso e emprego dos termos “mazaganistas” que vem a ser uma denominação atribuída aos transmigrados da Mazagão marroquina para o Brasil. Ao passo que “mazaganenses” destina-se aos nascidos na Vila Nova de Mazagão Velho -AP. Para obter mais informações acerca do assunto ver Motinha (2003).

4 Em 2020, a festa santoral realizada no Distrito de Mazagão, de 16 a 28 de julho, que reifica a batalha epopeica entre Mouros e Cristãos, completou 247 anos, se considerarmos a data da primeira encenação, ocorrida em 1773.

5 A matriarca Joaquina da Silva Jacarandá, nasceu no dia 30/08/1952.

com o regulamento já estabelecido pelas primeiras gestões.

Notadamente, a referida festividade mexe com a dinâmica social da vila campesina, normalmente calma, mas que durante o ciclo da festa recebe de volta os filhos da comunidade que residem e trabalham nos municípios de Macapá e Santana e regressam à terra natal para celebrar/homenagear o Divino Espírito Santo.

## **As servas e empregadas do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho-AP**

As festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo data do início do século XIV e se estendem até o presente momento em Portugal, e sua continuidade seguiu nos séculos XVI, XVII e XVIII, nas diversas regiões brasileiras por onde assentaram-se as famílias lusitanas que chegaram à América Portuguesa.

Em Portugal, o Divino é festejado no arquipélago dos Açores, constituído por nove ilhas: Santa Maria, São Miguel, Ilha Terceira, Ilha Graciosa, São Jorge, Ilha de Pico, Ilha Faial, Ilha de Flores, Ilha do Corvo, que foram localizadas por navegadores portugueses entre 1427 e 1452 as quais têm origem vulcânica e, por isso, são responsáveis por erupções e terremotos na região (LEAL, 1992).

As populações que habitavam as respectivas ilhas subsistiam de arar e cultivar a terra e de se entregar, parte do que colhiam, em promessa, ao Divino, temendo as pestes, os terremotos e que as erupções vulcânicas devastassem seu lugar de moradia. A cada novo ano, o pedido de proteção ao Santo é renovado e as festas representam a teia de significados que conforma o conjunto simbólico constituído por crenças culturais/religiosas que garantem à população a abundância na colheita, fortalecimento de sociabilidades e fervor no agradecimento às graças alcançadas pelos/as devotos/as que desta feita formam uma espécie de ciclo -festivo- santoral dedicado ao Divino Espírito Santo (MOTINHA, 2003).

Destarte, a máxima 'Em Cada Canto, Seu Espírito Santo' é oportunamente empregada para indicar a singularidade das festas, cargos e de insígnias que viceja no arquipélago dos Açores e em nosso país, no que concerne aos artefatos religiosos, ao calendário, bem como aos elementos simbólicos e culturais/religiosos representativos do santo milagroso.

Os rituais e cerimônias dos festejos do Espírito Santo apresentam uma pequena variação no que se refere à coroação do imperador. Há Lugares em que se "tira o pelouro", ou seja, faz-se um sorteio, para ver quem será o imperador e seus nobres acompanhantes, sendo que, em outros locais, o que leva a coroa à cabeça, é o juiz da confraria, acompanhado pelos mordomos confrades, quase sempre em número de doze, sorteados ou eleitos para a festa daquele determinado ano (MOTINHA, 2003, p. 235).

O estudo amplo que realizamos acerca das festas do Divino, realizadas em nosso país, especialmente tomando por base o trabalho de pesquisa de doutoramento em história, desenvolvido por Motinha (2003) no qual identificamos a presença de elementos estruturais em comum entre as celebrações, no que tange à coroação do imperador, da imperatriz e/ou de ambos e quanto à gestão e realização da festa que permanece a cargo de irmandades do Espírito Santo. Nas ilhas dos Açores, até o final do século XVIII, ainda segundo Motinha (2003, p.253):

As festas eram realizadas pelas confrarias ou irmandades do Espírito Santo, ligadas, primeiramente ao hospital e, posteriormente às misericórdias, havendo, inclusive, a associação nominal a identificar a igreja, como nos informa Frei Agostinho de Mont'Alverne. Verificamos que até 1523, as confrarias açoreanas realizavam as festas do Espírito Santo, à porta do Hospital de sua invocação, exclusivamente no dia de Pentecostes. Contudo, pelo menos a partir do século XVII, encontramos os festejos se desenvolvendo em oito domingos,

como eram as festas no continente português, inaugurando-se o chamado “tempo dos impérios”.

Em tempos de outrora, no século XVIII, da ocupação do território da Vila da Nova Mazagão as famílias de cristãos portugueses realizavam a festividade em honra ao Divino no mês de maio, conforme afirmou a presidenta da Irmandade e liderança cultural/religiosa reconhecida pela e na comunidade mazaganense, Joaquina Jacarandá, ainda em 2019, de que a referida festividade era denominada de “Festa dos que são-bons, portanto, Festa do Divino dos Brancos que era realizada entre os meses abril e maio após a celebração da semana santa” na qual era vetada a participação dos negros.

Em reação a interdição dos brancos, os negros/escravizados resolveram realizar uma festa própria, no mês de agosto, após a colheita de arroz, nomeada de “Festa dos Maus”. A narrativa de D. Joaquina espelha um dado objetivo citado por Motinha (2003, p. 297-298):

A distinção da confraria ou irmandade pela cor<sup>6</sup> de seus membros, é indicativa da duplicidade das associações sob a invocação do mesmo orago, como as de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, São Benedito dos Homens Brancos e São Benedito dos Homens Pretos, Divino Espírito Santo e Divino Espírito Santo dos Cativos. Na Amazônia estas práticas permaneceram até o século XIX, havendo uma festa dos brancos e outra dos pardos. Entretanto, por conta da depuração dos costumes, os brancos abandonaram os hábitos tidos por populares. Subsistiram as festas dos pardos e as suas danças da moda, o Marabaixo.

Depois que Mazagão entrou em decadência devido à epidemia avassaladora de malária e febre amarela, os negros/escravizados foram abandonados à própria sorte na terra arrasada, conforme aludiu Albuquerque e Lucena (2006, p. 25-26), “O foro da vila exauriu-se com a saída da maior parte da população; a antiga Vila praticamente desapareceu. Uns poucos moradores permaneceram, conta-se que na maioria negros”.

Assim sendo, negros escravizados e a reminiscência de cristãos portugueses que persistiram no local, passaram a viver sem a vigilância, domínio e a interdição do alto clero açoriano. Desta feita, abriu-se uma fresta de intersecção entre os sistemas culturais de negros e brancos, que favoreceu a reconfiguração ocorrida na dinâmica histórica e sociocultural da vila, no que tange as relações socio-racial-identitária e nas festas santorais renascidas com a perspectiva religiosa do ‘catolicismo de preto’ cunhado por Henrique Cunha Jr. e/ou pelo ‘catolicismo festeiro’ na denominação de Motinha (2003) e/ou do “catolicismo negro ou de negros católicos” na linha teórica adotada por Silva (2010), estudioso dos rituais do Congado de Minas Gerais.

Ambos os termos, em nosso entendimento figuram como apropriados para qualificar as celebrações votivas, marcadas por religiosidades, presente nas inúmeras festas realizadas pela comunidade de Mazagão Velho, que as reconhece como patrimônio cultural em afirmação categórica tal qual o fez a foliã e devota sra. Maria Ferreira da Cruz (77anos) ao afirmar que “as festas, da Piedade, Senhor São Tiago, Nossa Senhora do Rosário, São Gonçalo, Espírito Santo, Nossa Senhora da Assunção [...]” são exemplos do patrimônio cultural local.

Essas festas caíram nas raias da crença popular e foram acrescidas com elementos de africanidade como as danças de Marabaixo, batuque, rezas de folia e ladainha, do cozidão, do beijuçica, bolo de macaxeira, do chocolate de cacau puro, gengibirra (entre outras bebidas alcólicas e sucos de frutas), fogos tipo rojão, donativos e pagamentos de promessas; uma prática cultural/religiosa iniciada pelos primórdios e cultuada pelos seus descendentes pertencentes às categorias de pessoas e grupos sociais heterogêneos, mas que se encontram anualmente, reúnem-se e recriam entre si elos culturais/religiosos, familiares e comunitários que na visão de Brandão (1978, p. 39-40) favorecem que haja entre os devotos dos santos “uma relação de trocas simbólicas e de serviços, a propósito do cumprimento de promessas e da prestação de homenagens aos santos da devoção”.

**Figura 1.** Missa em homenagem do Divino Espírito Santo em 2021



**Fonte:** Os autores, 2021.

No que tange à Festa do Divino Espírito Santo realizada pela comunidade mazaganense, é imperativo ressaltar que se trata da “recuperação da memória do festejo” como Motinha (2003, p. 277), protagonizada pelas “pombinhas do divino” que em um dia bucólico de pescaria entre amigas, regado à risadas, recordações, desabafos e pilhérias, a senhora Ana Aires (falecida) direcionou à sua rosa, Olga Jacarandá, também falecida, proferindo-lhe palavras afetuosas, uma espécie de tratamento carinhoso que costumava dedicar às suas contemporâneas, comadres e amigas, dizendo-lhe: “minha rosa vamos levantar a Festa do divino?”, conforme nos relatou a foliã do Divino, Eliana Aires (filha da matriarca Ana Aires).

**Figura 2.** Foliã e guardiã do Divino sra. Marinice Videira em 2021



**Fonte:** Os autores, 2021.

As narrativas orais de Joaquina Jacarandá, Joaquina dos Santos, Eliana Aires e Jozué Videira revelaram que a partir do respectivo momento, teve início uma grande mobilização comunitária coordenada pelas matriarcas: Olga Jacarandá, Maria Barriga, Odacina e Ana Aires com o objetivo de reavivar a Festa do Divino Espírito Santo em solo mazaganense.

Desse movimento feminino eclodiu a Irmandade do Divino com a característica singular de ser coordenada por uma corte religiosa e festiva composta em sua expressiva maioria por mulheres negras, com a participação de mulheres não negras e de homens - estes últimos, segundo Jozué Videira (coordenador geral da comissão que lida com as famílias festeiras que financiam a festividade), figuram como “mordomos das mulheres e estamos para servi-las”, ou seja, são

subordinados e devem obediência à presidenta da irmandade, sra. Joaquina Jacarandá, conhecida carinhosamente na comunidade pelo codinome, “tia Joca”.

Quanto aos impérios de mulheres, não sabemos determinar seu início. Entretanto, em 1697, dom Antônio Vieira Leitão, bispo de Angra, os proibiu, mediante a seguinte argumentação “[...] os impérios de mulheres que se fazem sob o pretexto de festejarem o Espírito Santo, mas não servem mais que para se ofender, com eles, o mesmo Senhor, pelos “enfeitos” indecorosos e profanos que as ditas mulheres usam em tais actos e pelo concurso de homens que a eles vão, com práticas indecentes e outras enormidades de que resulta geral escândalo (MOTINHA, 2003, p.266).

A constituição da corte religiosa e festiva do Divino Espírito Santo celebrado no território mazaganense é de responsabilidade de uma comissão constituída por treze pessoas de ambos os sexos, mas, o protagonismo é conferido às foliãs, como já mencionado. No que consiste às personagens que ocupam a cena principal da encenação dramática, são escolhidas via sorteio público no dia de encerramento da festividade, meninas com idade entre 03 e 12 anos, que conferem a esta tradição notoriedade frente ao conjunto de festas santorais, realizadas pelas comunidades negras, quilombolas e, por famílias compostas por pessoas negras no estado do Amapá, face ao seu ineditismo de realizar a coroação da Imperatriz.

## O planejamento da festa

O ciclo de planejamento da festa é anual e começa no dia 24 de agosto, na data de encerramento da celebração. Exatamente no dia dedicado a saudar o santo Divino após a ocorrência do ápice da festividade, ou seja, a cerimônia de coroação da Imperatriz realizada na igreja Nossa Senhora da Luz logo após a celebração da missa dominical com a presença do pároco responsável pela condução dos trabalhos religiosos na comunidade de Mazagão. Na sequência do ato sublime, o cortejo festivo/religioso segue pela rua principal da frente da comunidade com maciça presença da comunidade da vila e de seus familiares, parentes e amigos todos reunidos para louvar o Divino Espírito Santo e agradecer pelas graças alcançadas.

O destino de todos em peregrinação é o Centro Comunitário Mucito Aires (sede social). O local é cuidadosamente limpo, arrumado e decorado, na véspera, pelas famílias festeiras e membros da Irmandade. No referido local é servido no dia 24 de agosto um delicioso lanche matinal, contendo no cardápio iguarias produzidas pela e na comunidade, tais como: beiju-çica, bolo de macaxeira, chocolate regional com leite (preparado com cacau puro), suco e refrigerante que são servidos a todos os presentes. Após o lanche, realiza-se o sorteio das novas meninas, como já mencionado, que irão interpretar as personagens centrais no festejo do ano vindouro. Tal momento cria grande alvoroço e gera aflição e expectativa na comunidade que anseia saber quais meninas serão sorteadas e agraciadas com o cargo máximo de imperatriz - o mais cobiçado pelas crianças.

No decurso da festividade, as famílias interessadas podem procurar a coordenação da Irmandade para manifestar interesse de incluir o nome da menina na lista de candidatas aos cargos principais. Para aumentar a tensão no público presente, Dona Nelci (secretária da entidade), Eliana Aires (auxiliar de Dona Nelci) e Leônidas Videira, o apresentador do evento, tratam de aumentar o suspense em torno das eleitas colocando junto em um único recipiente os nomes das pretensas candidatas e igual número de papeis em branco para serem tirados pelos comunitários.

A despeito de criar uma atmosfera de expectativa e esperança nas famílias e respectivas candidatas, o apresentador Leônidas com sua voz potente, entusiasmada e descontraída leva a plateia ao delírio fazendo-a gritar bem auto o nome de suas crianças e adolescentes a fim de enviar-lhes bons presságios durante o sorteio. Tal expectativa é elevada pela adrenalina de todos os presentes e ao anunciar o papel premiado, os gritos de alegria e o choro de crianças e familiares arrebatam os que acompanham o ato.

A celebração do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho é uma festa grandiosa que requisita alto investimento financeiro<sup>7</sup> da parte dos festeiros, pais e familiares das personagens e da parte da Irmandade do Divino Espírito Santo, somando treze responsáveis financeiros direto que ao longo de 12 meses ficam responsáveis em pagar suas mensalidades e através dessa quitação garantir a continuidade da festa.

## Personagens

O conjunto das personagens centrais que formam a ritualística em honra ao Divino recebem a denominação de: 1) Imperatriz: trata-se do cargo de maior destaque, o mais cobiçado e que goza de maior desejo e pomposidade; 2) Trinchante: é a confidente da rainha; 3) Pega na Capa: tem a tarefa de cuidar do vestuário, ou seja, das roupas e das joias da imperatriz; 4) Alferes Bandeira: é responsável em realizar a cobrança de impostos, por isso ela desponta na frente do cortejo afroreligioso; 5) Varas Douradas (são 04): fazem a proteção da rainha envolvendo-a em um quadrado fechado pelas respectivas varas douradas; 6) Paga Fogaças (são 04): cuidam dos alimentos da rainha e de seus convidados, por isso carregam o símbolo composto de um bolo coberto por uma toalha na cor vermelha e por cima deste é colocada a pombinha branca do Divino.

**Figura 3.** Personagens Festa do Divino Espírito Santo-Mazagão Velho sob a regência da presidenta da Irmandade sra. Joaquina Jacarandá (Tia Joca)



**Fonte:** Os autores, 2021.

Soma-se ao cortejo central, aproximadamente, cinquenta mulheres devotas, que atuam como foliãs/folionas do Divino sob a condução de Joaquina Jacarandá, bem como o bandeirista Fernando Jacarandá responsável por conduzir e tremular com energia a bandeira do Divino à frente do cortejo religioso e festivo.

Jozué Videira é quem preside a Associação Cultural Raízes do Marabaixo a pedido da líder cultural/religiosa D. Joaquina Jacarandá e desta feita figura como o coordenador financeiro e líder dos tocadores das caixas de Marabaixo, que ritualizam solenemente as passagens do cortejo afroreligioso que acontece em peregrinação pelas ruas, residências das personagens e na igreja de Nossa Senhora de Assunção durante a dramatização da festa.

<sup>7</sup> No ano de 2019, cada membro-festeiro teve que desembolsar R\$ 1.200,00 para ajudar no custeio da festa. Além de se ocupar da preparação do traje da personagem, na cor padrão branca e em oferecer o lanche nos dias de cortejo festivo-religioso, denominado de Alvorada, ocorridos de 1 as 6h da manhã, nos dias 16, 20 e 23/08. Dado a pandemia de Covid 19 e as orientações e regras sanitárias de distanciamento social, a Irmandade do divino deliberou em realizar o evento simplificado nos anos 2020 e 2021.

## Programação

Os preparativos, para a festa do Divino Espírito Santo, iniciam-se nos primeiros dias do mês de agosto. No dia 03/08 ocorre a torração do cacau, em 12 e 13/08 faz-se a torração do beiju-çica, em 16/08 ocorre a abertura da tríplice Alvorada, cuja a peregrinação festivo/religiosa sai pelas residências das personagens, pontualmente a uma hora da madrugada e termina às seis da manhã.

**Figura 4.** Alvorada Festa do Divino Espírito Santo-Mazagão Velho, realizada de 1h até 6h da manhã



**Fonte:** Os autores, 2019.

O ponto de encontro dos devotos é em frente à residência da sra. Joaquina Carmelita. No referido local acontece o primeiro ritual afro-cantado ao som das caixas de Marabaixo e do coro das mulheres e homens da irmandade, entoando o pedido de permissão, requisito necessário para o cortejo adentrar ao interior da residência, expandindo sua vibração sonora ao som de fogos pelo território comunitário.

Assim que a porta e a janela das casas são abertas, no compasso ritmado da reza cantada, todos se conduzem para a frente do altar dos santos. Reza-se, canta-se e ao final dança-se ao som das caixas e cantigas de Marabaixo. Após duas ou três cantigas dançadas alegremente é oferecido um lanche aos presentes. O alimento é franqueado a quem desejar seguindo o princípio da comensalidade, comer juntos, em prol da irmanação da comunidade.

Na sequência, o cortejo parte sem instrumentos percutidos e/ou cantorias pelas ruas, apenas as vozes dos membros da irmandade e devotos *murmurizam* o ritual, que segue em direção as demais residências em um percurso devidamente planejamento pela Coordenação Geral da festa, a fim de que toda a vila receba as bênçãos do santo Divino.

No mesmo dia, às 8h da manhã, a Irmandade segue da vila de Mazagão pelo rio Mutuacá com destino à comunidade de Igarapé Grande de propriedade do casal de devotos do Divino, D. Sinhá e Sr. José Queiroz. A viagem segue de barco pelo “manso rio de águas escuras” como as senhoras se referem ao rio Mutuacá. De um lado e outro de suas margens veem-se várias residências espalhadas, distantes umas das outras, umas mais simples construídas em madeira de lei bruta e outras visivelmente mais caras indicando pertencerem a proprietários com maior poder aquisitivo.

O deslocamento pelo rio ocorre em duas embarcações tipo barco a motor fretadas pela Irmandade para transportar os membros da confraria (foliãs e seus mordomos), além de mantimentos, água e os pertences das pessoas. A chegada à residência dos confrades é bastante animada, ao som de fogos, abraços, sorrisos e acolhimento carinhoso. Após o desembarque, a

coordenação da irmandade repassa as instruções quanto à arrumação e a distribuição das redes no barracão que fora construído em madeira de lei para a ocasião, informa também sobre os horários das refeições e do compromisso religioso a ser realizado “a boca da noite”, às 19h, constituído da reza de folia, ladainha e da dança do Marabaixo, com a irmandade vestida a caráter com seus trajes típicos.

**Figura 5.** Reza da Folia e Ladainha na residência do casal de foliões/devotos (Sinhã e José Queiroz)



**Fonte:** Os autores, 2019.

No dia 17/08, por volta de 16h a Irmandade segue viagem na alta da maré pelo rio Mutuacá com destino à residência de famílias festeiras para cumprir o itinerário de peregrinação do santo de volta para a comunidade. Nesse momento há o transbordo de embarcação, ou seja, do barco fretado para as duas canoas do Divino na qual todos tomam assento, porém de maneira ordenada. Na proa da montaria tomam assento os porta-bandeira da irmandade, sendo um/uma em cada embarcação, na sequência os membros, remadoras/es, caixeiros e personagens.

**Figura 6.** Cortejo Afrorreligioso do Divino Espírito Santo pelo rio Mutuacá



**Fonte:** Os autores, 2019.

A embarcação é de propriedade do Santo e é cuidada pela coordenação da confraria. Na proa de cada canoa posicionam-se as bandeiras do Divino que são tremuladas ao som de cantigas dedicadas à divindade e seus feitos sacralizados. Ao lado das canoas, seguem os barcos a motor que foram alocados para transportar e apoiar a Irmandade.

Em dado ponto às margens do rio, devidamente acertado com a família da personagem 'Trinchante' e em estrito cumprimento ao horário indicado pela coordenação da festa para que a criança estivesse no local combinado, as duas canoas se aproximam para que a personagem embarque a fim de desempenhar seu papel na corte da Imperatriz.

Em seguida, o cortejo segue pelo rio ao som de cantigas, das caixas de Marabaixo, de fogos tipo rojão, de corporeidades negras e não negras que esbanjam sorrisos, gestos de fé e devoção ao Divino para se juntar à comunidade mazaganense que calorosa e fervorosamente aguarda a chegada do santo na frente da comunidade.

Antes de aportar, o cortejo segue para saudar os presentes dando três voltas de um lado a outro do rio, até o momento oportuno para a confraria desembarcar no trapiche. Uma parte dos membros da Irmandade permanece na vila cuidando dos preparativos para a chegada.

**Figura 7.** Chegada do Cortejo Afrorreligioso do Divino Espírito Santo-Mazagão Velho



**Fonte:** Os autores, 2019.

Os devotos que ficam em terra, se ocupam da decoração da frente do átrio da igreja sob a condução da profa. Ana Lúcia, foliã responsável por reunir de maneira criativa os artefatos simbólicos que envolvem a ritualística da festa na decoração. A começar pelo desembarque, disposição das personagens e da Irmandade até seu deslocamento da ponte e chegada na igreja de Nossa Senhora da Assunção para juntos agradecerem pela viagem e passadio na missão religiosa e de fé.

**Figura 8** Chegada do Cortejo Afrorreligioso à Igreja de Nossa Senhora de Assunção



**Fonte:** Os autores, 2019.

Na sequência, o cortejo segue até a residência do casal de devotos sra. Concita e sr. José Batista, a fim de lhes saudar como um gesto de respeito, reconhecimento e valorização, tendo em vista que D. Concita há alguns anos vem sofrendo com problemas de saúde que a impede de cultuar presencialmente o Divino, como regularmente procedia em tempos de outrora tamanha é sua fé, crença e devoção no santo milagroso.

Após a reza e a dança do Marabaixo, realizadas na parte externa da residência do casal devido ao expressivo contingente de celebrantes, o cortejo retorna para a igreja onde foi realizada a derradeira novena e ladainha. Nos dias 18 e 19 de agosto, às 18h são rezadas folia e ladainha e os santos são levados para as residências das personagens no quantitativo de três casas por noite.

Na madrugada do dia 20 de agosto, realiza-se mais uma alvorada, assim como a quebração da murta, a levantação do mastro e a coroação da Imperatriz – nesse momento cada personagem toma posse de seu cargo. Depois, o Santo parte em peregrinação pelas residências dos cristãos-católicos e na ocasião os populares doam donativos para serem leiloados no dia 24 de agosto. As doações são levadas para a residência da foliã sra. Joaquina Carmelita, local onde se organiza as cestas básicas a serem leiloadas no dia 24 de agosto.

No dia 23 de agosto, as vésperas do ápice da festividade, realiza-se a última alvorada da qual participam grande número de membros da comunidade, inclusive de pessoas que residem nas localidades e distritos espalhados pela redondeza de Mazagão Velho, conforme mencionamos no decurso do texto. As famílias devotas do Divino se reúnem nessa ocasião especial para celebrar e reafirmar sua fé no poder do Santo, mesmo que a ritualística da festa seja iniciada por volta de 1h da madrugada e se prolongue até às 6h da manhã. De 1h da madrugada às 6h da manhã o cortejo segue sua itinerância e fecha seu ciclo na última residência, da personagem Imperatriz.

Em seguida inicia-se o ritual de varrição das principais ruas da vila, com a participação ativa dos festeiros (familiares das personagens), membros da comissão da festa e devotos do santo. A atividade se estende até às 9h da manhã sob o forte sol do verão amazônico. Concomitantemente a esta ação, a coordenação dá continuidade a outras providências igualmente importantes, como a verificação da preparação do bolo de macaxeira, tarefa delegada à família proprietária da única panificadora existente na vila.

Após o bolo ficar pronto e ser entregue na residência do sr. Jozué, inicia-se a etapa de *cortação* e embalagem dos alimentos que compõem os recipientes, composto de bolo de macaxeira e beiju-çica, ambos alimentos são distribuídos a todos os celebrantes na sede do centro comunitário, posterior à Missa do Divino e da cerimônia de Coroação da Imperatriz, ocorrida na igreja da padroeira da comunidade.

À meia-noite encerram-se os trabalhos de acondicionamento dos alimentos, de

ornamentação do centro comunitário e de verificação das providências para a plena realização da celebração. No dia 24 de agosto, às 7h da manhã, a reunião do cortejo ocorre em frente à residência da personagem Alferes Bandeira, de lá os celebrantes seguem para a residência de todas as demais personagens e, por último chegam à residência da Imperatriz, de onde partem todos juntos em cortejo afroreligioso-cristão-católico até à igreja de Nossa Senhora da Assunção, chegando exatamente às 8h da manhã.

Não obstante, as personagens são carinhosamente conduzidas para as dependências da igreja pelas foliãs da Irmandade e acomodadas em bancos em madeira que formam o semi-círculo em frente ao altar-mor. A Imperatriz tem um assento devidamente ornamentado em respeito ao posto máximo que ela ocupa. As devotas da Irmandade, tomam assento nos primeiros bancos da igreja.

**Figura 9.** Personagens Imperatriz e Pega na Capa, Festa do Divino Espírito Santo



**Fonte:** Os autores, 2019.

Tão logo, as pessoas estejam acomodadas, o pároco dá início à missa. Em volta do altar, as bandeiras, cadeiras, andor e o vermelho intenso do Divino (que representa o sangue de Cristo) juntamente com a cor branca, conferem à liturgia, a quentura da fé comunitária que mobiliza o largo tecido social local. Doravante, assim que o padre celebra a missa, é chamada a presidenta da Irmandade, Joaquina Jacarandá e ela conclama aos demais membros da confraria, a prosseguirem com o rito de coroação da Imperatriz.

O momento é sublime, pomposo. As famílias capricham na confecção dos vestidos das personagens e ficam afoitas para tirar a melhor fotografia e gravar o melhor vídeo para servir-lhes de recordação dos momentos especiais que vicejam em todos os atos presentes na referida dramatização, especialmente daqueles ocorridos no ápice da festa, no dia do Santo.

**Figura 10.** Cortejo Afrorreligioso, Festa do Divino Espírito Santo-Mazagão Velho



**Fonte:** Os autores, 2019.

Na sequência, as pombinhas do Divino conduzem e organizam participantes e personagens para ocupar espaço adequado na cena dramática do cortejo e deixar a igreja com destino ao centro comunitário, a fim de dar prosseguimento à parte ritualística que envolve o sorteio das novas personagens, leilão e compartilhamento do lanche coletivo servido a todas as pessoas presentes.

Concomitantemente, as famílias festeiras e alguns membros da confraria agem, enquanto o cortejo se desloca lentamente pela rua principal da comunidade com o intuito de transportar da igreja para a sede social doze cadeiras para que as personagens tomem assento em lugar de destaque no salão como é de costume.

Ao chegarem ao local, as personagens são conduzidas pela Irmandade a dar três voltas em torno do mastro fincado em frente ao centro comunitário e na sequência são levadas até a entrada principal da sede onde a Imperatriz profere a seguinte frase ostentando seu cedro: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, em seguida todos são autorizados a adentrar a sede.

As personagens dirigem-se ao seu local específico, seguidas pelos demais populares e devotos que pacientemente tomam assento nas cadeiras e mesas que ladeiam o salão. Nesse ínterim, os festeiros e Irmandade começam a servir kits de alimentos, acompanhados de chocolate feito pela própria comunidade, no primeiro dia da festa, em 03 de agosto. E outra parte se ocupa do sorteio, bem como da composição da mesa de autoridades e da realização do leilão que se estende até às 12h. Após, a comissão e festeiros devolvem para a igreja as cadeiras em vime utilizadas pela corte festivo-religiosa no centro comunitário.

Em seguida, a celebração ganha as ruas da comunidade ao som do Marabaixo de Rua<sup>8</sup>, em visita às residências que deixam suas portas-abertas como indicação de que o cortejo pode entrar. Na oportunidade as famílias servem comidas, bebidas e as pessoas dançam com vivacidade, entusiasmo e gritam quando os fogos estouram, numa calorosa celebração e devoção ao Divino.

O cortejo peregrino circula pela singela vila até por volta de 17h. Às 17h30, a irmandade e celebrantes se reúnem novamente em frente à igreja, com as personagens do ano em curso e do vindouro para que juntas participem do ritual de transferência de cargos, realizada em frente ao mastro, fincado na frente do centro comunitário. O referido ato conta com a presença significativa de muitos populares e de familiares das personagens. Em volta das personagens forma-se uma proteção humana de senhoras da Irmandade. Como último ato que envolve toda a cerimônia, as pessoas envolvidas na administração das finanças e dos valores arrecadados durante o leilão, que são destinados a cobrir despesas da festa, se reúnem para ajustar toda a contabilidade, celebrar o

<sup>8</sup> Trata-se do momento que o cortejo afrorreligioso sai as ruas ao som de caixas de Marabaixo e de cantigas -compostas de versos ladrões tirados de improviso das cenas do cotidiano e da vivência comunitária, bem como da cena social nacional e local. A melodia das cantigas é marcada por compassos rítmicos de uma musicalidade sui generis, ou seja, com as caixas percutidas em ritmo acelerado.

sucesso da festividade naquele ano corrente, assim como fazer votos de fé e esperança para que no próximo ano a festividade também seja um sucesso.

## À guisa de conclusão

O estudo revelou que a festa do Divino Espírito Santo realizada na/pela comunidade negra do Distrito de Mazagão Velho, que integra o território do Município de Mazagão-Estado do Amapá, aglutina registros e fragmentos de histórias e memórias individual/coletiva, recriadas e repassadas entre gerações, como expressão viva das dinâmicas e dos sentidos de cultura, fé cristã-católica-afroamapaense e devoção. A festividade, em seus dias, mobiliza a comunidade de Mazagão Velho, seus parentes, conterrâneos e amigos que residem fora da comunidade para anualmente, por ocasião da celebração do Divino, esticarem juntos pela vereda do tempo o legado da tradição festivo-celebrativa que herdaram de seus ancestrais.

## Referências

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. **Prospecção arqueológica em Mazagão Velho**. [S. l.: s. n.], jun. 2006.

ARAÚJO, Renata Malcher. **As cidades da Amazônia do século XVIII**. Faculdade de Arquitetura da Cidade do Porto, 1998.

BELÉM-PARÁ. **Anais do Arquivo Público do Pará**. Belém: Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo Público do Estado do Pará, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CHAGAS, Alene da Silva; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; FOSTER, Eugénia da Luz Silva. Patrimônio cultural imaterial e religiosidade: as celebrações em Mazagão Velho, no Amapá. *Estudos Teológicos* vol. 55, n.2, p. 388-403, jul./dez. 2015. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/797](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/797). Acesso em: 10 jan. 2020.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. Educação e diversidade: africanidades, afrodescendências e educação. **Boletim Debates, Educação, Direito e Cidadania**, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Paris: Universitaires de France, 1968.

LEAL, João. **Cerimonial, Relações sociais e tempo: as festas do espírito santo nos Açores**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Imprensa, 1992.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOURA, Glória. **Festas dos Quilombos**. Festas dos Quilombos. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

MOTINHA, Katy Eliana Ferreira. **A Festa do Divino Espírito Santo: espelho de cultura e sociabilidade na Vila Nova de Mazagão**. Universidade de São Paulo- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Departamento de História. São Paulo, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo, HUCITEC, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAMOS, Maria de Nazaré L. **Povoamento do Grão-Pará: famílias de Mazagão**. **Anais do Arquivo Público do Pará**, v. 1, n. 1, p. 13-178, 1995.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão**. 3. ed. Belém: Programa Raízes, 2005.

SILVA, Rubens Alves da. **Negros católicos ou catolicismo negro?: um estudo sobre a construção da identidade negra no congado mineiro**. – Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Pensamento África, Volume 6).

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do cria-ú em Macapá e sua educação**. Fortaleza: UFC, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: UFC, 2009.

VIDEIRA, Piedade Lino. O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. **Revista Palmares**, v. 10, n. 8, p. 16-21, 2014. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/26473>. Acesso em: 10 jan. 2022.

VIDEIRA, Piedade Lino. Experiência museal no distrito de Mazagão Velho- AP: visitação em movimento. **Roteiro**, Joaçaba, v. 46, jan./dez. 2021, e26473. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Recebido em 10 de fevereiro de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.